

I

Passados alguns minutos da meia-noite de segunda-feira, 5 de junho de 1978, Johanna Vatneli apagou a luz da cozinha e fechou cuidadosamente a porta. Ela subiu os quatro degraus do corredor frio e abriu uma fresta na porta do quarto, deixando um fecho de luz cair em cima do cobertor de lã que os cobria até mesmo no verão. No escuro estava Olav, o marido, dormindo. Ela permaneceu mais alguns segundos no limiar da porta, escutando a respiração pesada dele, e depois entrou no pequeno banheiro, onde deixou a água correr da torneira como de costume. Ficou inclinada um bom tempo enquanto lavava o rosto. Estava frio lá dentro e ela estava descalça em cima do tapete, sentindo o piso frio sob os pés. Por um instante ela olhou para os próprios olhos. Não era algo que costumasse fazer. Inclinou-se para frente e passou um bom tempo olhando para as pupilas negras. Em seguida ajeitou o cabelo e tomou um copo de água fria da torneira. Por último ela trocou as calcinhas. A velha estava suja de sangue. Ela as dobrou e colocou-as em um balde com água, para que ficassem de molho à noite. Passou a camisola pela cabeça e no mesmo instante sentiu uma pontada na barriga, a pontada de sempre, que no entanto havia piorado nos últimos tempos, em especial quando ela esticava o corpo ou levantava peso. Como uma faca.

Antes de apagar a luz ela tirou os dentes e largou-os com um estalo em um copo d'água na prateleira espelhada ao lado de Olav.

Então ela escutou um carro.

A sala estava às escuras, mas as janelas cintilavam com um estranho brilho preto, como se uma luz fraca viesse do jardim. Ela caminhou tranquilamente até a janela e olhou para fora. A lua estava acima das árvores ao sul, Johanna viu as cerejeiras ainda em flor e, se não fosse pela névoa, teria enxergado todo o caminho até o Livannet, a oeste. Um carro com os faróis apagados seguiu devagar pela estrada em direção a Mæsel. Era um carro todo preto, ou talvez vermelho. Não dava para ver. O carro seguiu muito devagar e por fim venceu a curva e desapareceu. Ela ficou de pé junto à janela e esperou um, dois, talvez três minutos. Então voltou para o quarto.

– Olav – sussurrou. – Olav.

Não houve resposta alguma, ele dormia um sono pesado, como de costume. Mais uma vez ela se apressou em direção à sala, esbarrou no braço da poltrona, machucando a coxa, e quando chegou à janela conseguiu ver o carro preto voltando. O carro terminou de fazer a curva e prosseguiu devagar logo em frente à parede da sala. Devia ter dobrado na casa de Knutsen, mas lá não havia ninguém, todos haviam ido para a cidade na noite anterior, ela mesma os tinha visto sair. Ela escutou o ruído dos pneus lá fora. O discreto barulho do motor. O som de um rádio. Então o carro parou por completo. Ela ouviu a porta se abrir, depois silêncio. O coração subiu-lhe à boca. Ela voltou para o quarto, acendeu a luz e cutucou o marido. Dessa vez ele acordou, mas levantou apenas quando os dois escutaram um baque e o barulho de vidro quebrando no lado de fora da cozinha. Logo ao sair para o corredor ela sentiu um cheiro pungente de gasolina. Abriu a porta da cozinha e foi recebida por uma cortina de fogo. Toda a peça estava em chamas. Devia ter acontecido em poucos segundos. O assoalho, as paredes, o teto, as chamas lambiam e gemiam como um grande animal ferido. Ela ficou de pé junto à porta, completamente atônita. Em meio aos uivos ela reconheceu – mesmo que nunca tivesse escutado antes – o barulho de vidro estourando.

Permaneceu lá até que o calor ficasse intenso demais. Foi como se o rosto tivesse se soltado, caído desde a testa por cima dos olhos, das bochechas, do nariz, da boca. Foi então que ela o viu. Não por mais do que dois, talvez três segundos. Ele se erguia

como uma sombra negra do outro lado da janela, do outro lado do mar de chamas. Estava como que congelado. Ela também. Então ele se afastou e desapareceu.

O corredor já estava tomado pela fumaça, que atravessava as paredes da cozinha e se acumulava sob o telhado como uma névoa densa. Ela foi tateando até o telefone e discou o número de Ingemann, em Skinnsnes, o número que tinha anotado em um pedaço de papel com um pincel atômico preto após os eventos dos últimos dias. Pensou no que diria enquanto os dedos giravam no disco. *Aqui é Johanna Vatneli. A nossa casa está pegando fogo.*

O telefone estava mudo.

No mesmo instante houve um curto-circuito elétrico, um estouro veio da caixa de força, faíscas saíram da tomada ao lado do espelho, a luz se apagou e tudo ficou na mais absoluta escuridão. Ela pegou a mão de Olav e os dois precisaram ir tateando até a porta da rua. O ar frio da noite foi sugado para dentro da casa assim que a abriram, e logo o incêndio aumentou; os dois ouviram vários estalos surdos e então um rugido quando as chamas atravessaram o assoalho do sótão e em seguida lamberam a janela pelo lado de dentro.

Eu imaginei esse incêndio inúmeras vezes. As chamas haviam como que esperado por aquele instante, por aquela noite, por aqueles minutos. Queriam sair pela escuridão, erguer-se em direção ao céu, brilhar, ser livres. E logo em seguida elas se libertaram. Um quantas janelas estouraram ao mesmo tempo, o vidro se estilhaçou e as chamas se alastraram, espalharam-se para os lados e para cima e logo deixaram todo o jardim envolto em uma luz dourada e irreal. Ninguém pôde descrever o incêndio porque ninguém estava lá além de Olav e de Johanna, mas eu imaginei tudo. Vi como as árvores mais próximas chegaram ainda mais perto da luz, como por assim dizer reuniram-se e deslizaram de maneira discreta e silenciosa para dentro do jardim. Vi como Johanna precisou arrastar Olav pelos cinco degraus da escada, através do extenso gramado, por baixo da antiga cerejeira que estava como que petrificada pelo grosso musgo cinzento na copa, para o outro lado do jardim e até a estrada, onde ela enfim sentiu que estariam a salvo. Lá os dois ficaram parados, olhando

para a casa onde tinham morado desde 1950. Não disseram uma única palavra, não havia nada a dizer. Passados talvez dois ou três minutos Johanna conseguiu voltar a si enquanto Olav continuava parado de pijama. No clarão tremulante ele parecia um menino. A boca estava entreaberta e os lábios se mexiam de leve, como se tentassem formar uma palavra que não existia. Johanna atravessou mais uma vez o jardim, apressando-se em meio aos arbustos frutíferos e às macieiras que poucos dias atrás ainda estavam em flor. O gramado estava coberto de orvalho e ela molhou a barra da camisola até os tornozelos. Quando parou nos degraus, sentiu as violentas ondas do calor que vinha da cozinha e de todo o sótão, que dava para o leste.

Então ela entrou.

No corredor, parte da fumaça havia se dissipado, e assim era possível ver tanto a porta da cozinha, que continuava fechada, como a porta da sala, que estava escancarada. Ela deu alguns passos cautelosos para dentro da casa. Ouviam-se rangidos e estalos por todos os lados, mas ela queria chegar ao alto da escada. Cada degrau era como uma punhalada na barriga. A faca era puxada e enfiada outra vez. Ela segurou o corrimão e se arrastou pela escada até chegar ao patamar entre os cômodos do sótão. Abriu a porta do que havia sido o quarto de Kåre, e lá dentro estava tudo como antes. A cama continuava branca e estendida como havia estado desde o dia em que ele morreu. O armário estava lá, a cadeira onde costumava escorar as muletas, a figura com as duas crianças que brincavam junto da cachoeira e o anjo do Senhor que pairava acima delas, tudo estava lá. A bolsa dela também, aquela com três mil coroas dentro. Estava na gaveta mais alta da cômoda, que continuava cheia de roupas de Kåre, e assim que ela viu uma das velhas camisas dele – uma com um pequeno rasgo no peito – sentiu que não teria forças para descer outra vez.

Foi como se de repente houvesse desistido de tudo ao ver aquela camisa. Ela deixou a bolsa cair no chão e sentou-se tranquilamente na cama. Sentiu as molas do colchão e o agradável rangido sob o corpo. A fumaça subia pelas rachaduras no assoalho, ficava mais densa e se acumulava no teto. Era como se um vulto de fumaça aos poucos tomasse forma diante dos olhos

dela. Ganhou braços, mãos, pés e um rosto indefinido. Então ela inclinou a cabeça para frente e fez uma oração silenciosa sem início nem fim, apenas uma ou duas frases enquanto os lábios se moviam. Mas logo houve um estalo alto e repentino às costas dela, alto o bastante para que esquecesse de todo o resto, ficasse de pé e desse alguns passos para trás. Tinha voltado a si, o vulto de fumaça havia desaparecido, mas o quarto estava nebuloso e era difícil respirar. Ela puxou a bolsa para junto do corpo e saiu pelo corredor do sótão. Desceu a escada às pressas e adentrou um denso e azedo tapete de fumaça que fez o rosto inteiro queimar. Ela sentiu que eram todas as roupas dentro do quarto que estavam soltando fumaça e logo pegariam fogo. A garganta fechou, ela sentiu que precisava vomitar, a visão se embaçou, mas ela sabia exatamente o caminho a seguir para chegar até a porta. Nos últimos metros ela foi tateando às cegas, mas já tinha feito o caminho tantas vezes antes que encontrou a porta sem nenhuma dificuldade, e quando chegou à escada externa foi como se o calor a empurrasse pelas costas e a jogasse vários metros para longe da casa. Ela encheu os pulmões com o ar fresco e puro da noite e caiu de joelhos. Eu a imaginei ajoelhada na grama enquanto a luz ao redor mudava de amarelo para quase branco, para laranja e para quase vermelho. Ela ficou assim com o rosto de encontro à grama por vários segundos enquanto aos poucos se recompunha. No fim ela se pôs de pé, mas nem Olav nem qualquer outra pessoa estava por perto. Subiu às pressas a ladeira até a casa vizinha, que estava totalmente iluminada pelas chamas. Não teve tempo sequer de bater antes que o vizinho saísse às pressas pela porta. Era Odd Syvertsen. Ele tinha acordado com a luz. Ela o agarrou pelo braço, como que para segurá-lo, ou então para se apoiar e não cair. Não conseguia fazer mais do que sussurrar, mas ele escutou cada palavra.

– Não encontro Olav.

Odd Syvertsen entrou na casa para fazer um telefonema enquanto Johanna mais uma vez descia a ladeira pela estrada. Quando voltou a casa inteira estava em chamas. Ainda se ouviam estalos altos e crepitantes que ecoavam por todo o Livannet e pelos morros a oeste. Era como se o próprio céu se rasgasse. As

chamas pareciam grandes pássaros selvagens que rodopiavam uns ao redor dos outros, uns por cima dos outros, uns por dentro dos outros, tentando se desprender uns dos outros sem conseguir. Em poucos minutos o incêndio havia se tornado grande e poderoso. Tudo ao redor permanecia em um estranho silêncio. Eu imaginei tudo. Uma casa queimando à noite. Os primeiros minutos antes que as pessoas cheguem. Tudo ao redor está em silêncio. É apenas o incêndio. A casa está lá sozinha e não existe ninguém que possa salvá-la. Está entregue a si mesma e à própria destruição. As chamas e a fumaça são por assim dizer sugadas pelo céu, crepitações e estalos respondem de algum lugar distante. É assustador, é terrível e não há nada a compreender.

E é quase bonito.

Johanna chamou por Olav. Primeiro uma vez, depois duas, depois quatro. De repente pareceu sinistro ouvir a própria voz em meio ao som das chamas. As árvores haviam como que chegado ainda mais perto da casa. Estendiam os galhos para frente. Curiosas, apavoradas. Ela estava dando a volta até o galpão quando sentiu mais uma punhalada na barriga. Teve a impressão de que um abscesso havia se rompido lá dentro e o sangue quente escorria. Entre a casa e o galpão estava Olav, como que feito refém pela luz intensa. O pijama esvoaçava ao redor do corpo, mesmo que nem uma única brisa soprasse, e ele permanecia totalmente imóvel. Quando ela se aproximou, percebeu que o vento era como uma respiração agourenta do próprio incêndio, uma respiração ao mesmo tempo escaldante e fria como o gelo. Ela o puxou para junto de si, os dois mais uma vez tornaram à estrada e ficaram juntos por lá enquanto Odd Syvertsen descia a ladeira correndo. Ele estava confuso e ofegante quando parou junto do casal de velhos. Tentou afastá-los do intenso calor, mas não havia como. Eles queriam ficar e ver a casa queimar. Ninguém disse uma única palavra. Olav estava como que petrificado, e ao mesmo tempo o pijama o fazia parecer delicado, com o tecido branco e frio envolvendo-lhe os ombros e descendo pelos braços. Os rostos estavam iluminados, claros, puros, como se a idade tivesse desaparecido. De repente o incêndio alcançou a velha cerejeira em frente à janela da cozinha. A cerejeira que sempre floria cedo

e que Kåre costumava escalar. No fim do verão ela ficava carregada de frutos, segundo me disseram, e as cerejas maiores e mais doces ficavam sempre na ponta dos galhos. E naquele instante ela queimava. Uma avalanche de fogo correu por entre as flores e os galhos, e logo toda a copa flamejava e crepitava. Pouco depois ouviu-se uma voz clara, mas era impossível decidir se pertencia a Olav ou a Johanna: *Meu Deus. Meu Deus.*

Eu imaginei tudo. Foi o oitavo incêndio, e era pouco mais de meia-noite no dia 5 de junho de 1978.

Então veio o caminhão de bombeiros.

Eles ouviram a sirene ao longe, ainda em Fjeldsgårdsletta, ou talvez ainda mais longe, talvez lá no alto, junto da capela de Brandsvoll, e talvez tenham ouvido também o alarme de Skinnsnes. Não seria impossível, já que dava para ouvir o alarme até da igreja. Mas eles ouviram o caminhão de bombeiros mesmo assim, a sirene aumentou de volume, ficou mais clara, mais cortante e logo eles perceberam as luzes azuladas que passavam pela antiga fundição no fim do Livannet, pelo abatedouro, pelo posto Shell e pelo presbitério com sacada, pela antiga escola em Kilen e pela loja de Kaddeberg antes de perder velocidade ao subir o morro que levava à casa dos Vatneli.

Quando o caminhão de bombeiros parou, um jovem pulou para fora e correu ao encontro deles.

– Tem alguém lá dentro? – perguntou aos gritos.

– Eles conseguiram sair – disse Odd Syvertsen, mas o jovem pareceu não escutar. Ele correu de volta para o caminhão e soltou várias mangueiras enroladas, jogando-as de qualquer jeito estrada afora para que rolassem um pouco como uma roda e depois caíssem deitadas. Em seguida abriu uma porta de correr e atirou no chão um par de machados e um capacete de bombeiro que ficou caído em meio ao cascalho. Depois ficou parado por alguns instantes com os braços soltos junto ao corpo, olhando para as chamas. Por alguns instantes ficou ao lado de Olav e de Johanna e de Odd Syvertsen, e todos ficaram como que reunidos para contemplar o incompreensível que acontecia diante deles. Logo surgiram quatro carros em alta velocidade. Todos pararam um pouco atrás do caminhão de

bombeiros, os faróis se apagaram e quatro homens vestidos de preto saíram correndo.

– Talvez ainda tenha alguém lá dentro – gritou o jovem. Ele estava usando uma camisa branca e fina, que esvoaçava ao redor do corpo magro. Logo conectou duas mangueiras à poderosa bomba hidráulica na dianteira do caminhão enquanto dois outros se colocavam a postos para quando a água viesse. Bem nesse instante houve um estrondo tão alto em meio às chamas que o chão inteiro tremeu e todos os presentes se encolheram como que atingidos por um tiro na barriga. Alguém começou a rir, não dava para ver quem, e ao mesmo tempo Odd Syvertsen abraçou Olav e Johanna e, com um gesto amoroso mas brusco, tirou-os de lá e levou-os consigo ladeira acima até a casa onde morava. Dessa vez os dois seguiram-no sem uma única palavra. Ele os acompanhou até dentro de casa e telefonou para Knut Karlsen. Ele e a esposa foram para lá no mesmo instante, afinal os dois tinham acordado com a sirene e o violento mar de fogo, e no passar da hora seguinte ficou decidido que Olav e Johanna ficariam alojados no porão de Karlsen até que as coisas se acalmassem.

O mar de fogo ondulava no céu, mas Olav e Johanna não viam nada. A luz mudou de branco para vermelho-ferrugem, depois para quase violeta e laranja. Era uma visão e tanto. Uma explosiva chuva de faíscas começou no instante em que a estrutura cedeu, pairou sem peso por alguns segundos, apagou-se e desapareceu. As folhas das árvores se enrolaram. Os pássaros selvagens foram embora, finalmente tinham conseguido se desprender uns dos outros. O incêndio queimava em silêncio, com altas chamas verticais. Vieram mais carros. As pessoas desciam, deixavam as portas dos carros abertas, ajustavam os casacos junto do corpo e aos poucos se aproximavam do incêndio. Entre essas pessoas estava o meu pai. Imaginei-o chegando no Datsun azul, estacionando um pouco mais longe e descendo como os outros, mas eu nunca consegui imaginar o rosto direito. Era ele, eu sei que ele estava por volta da casa de Olav e Johanna naquela noite, mas não sei o que estava pensando nem com quem falou, e não consigo imaginar o rosto dele.